

Tudo acontece na feira livre

A mais famosa das feiras livres, embora não a maior, é a Feira do Rolo. O nome sugestivo tem sua razão de ser, mas também gera queixas quanto ao conceito que se faz de Ceilândia no Plano Piloto. “Tem pai de família que traz o que tem para vender e dar comida para os filhos”, indigna-se José Valdino Clarício, um nordestino que há quatro anos vende material elétrico ali. De um modo ou de outro, o comércio sem nota fiscal é ativo e todos sabem que a feira é um bom lugar para tentar recuperar objetos roubados: é o ponto para onde vai boa parte do produto de furtos e arrombamentos de Ceilândia e do resto do Distrito Federal.

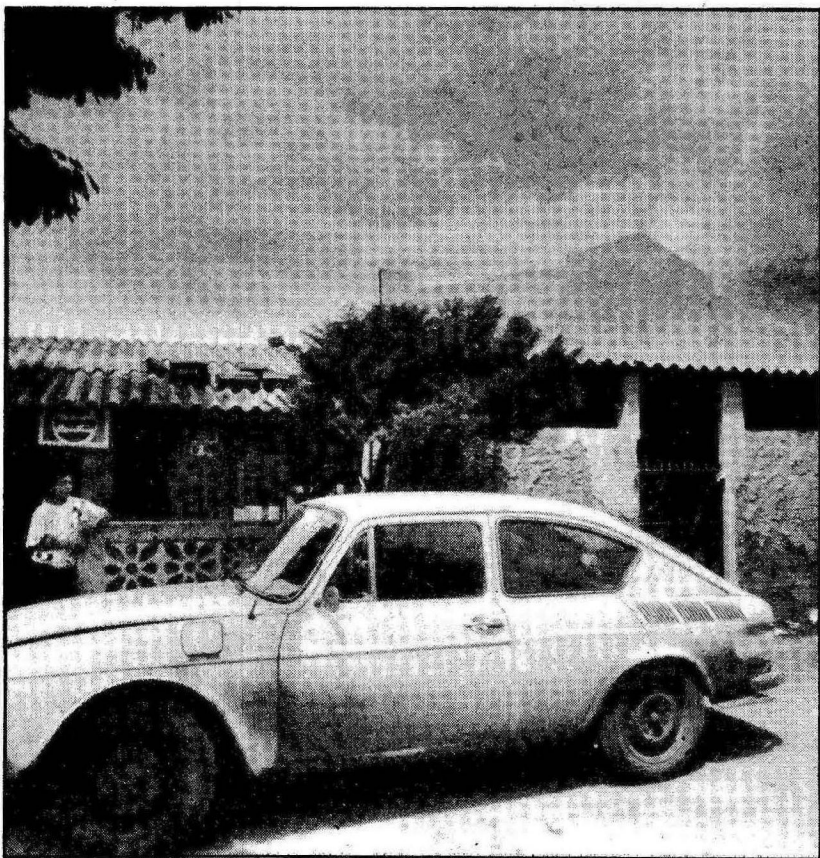
“Tem muito ladrãozinho, e por isso dá confusão”, reclama a vendedora de confecções Francisca Lopes. Perto dali, o rebuliço começa. Vozes erguem-se, a multidão se agita. Abre-se um claro. O sangue corre da boca de um dos contendores. Outra clareira se abre. Agora em forma de corredor. “Sujou”, grita alguém. Os brigões se afastam. Ainda munido de um pedaço de pau, um corre para a direita, outro para a esquerda. Mas não há mais tempo para nada: chega uma viatura da polícia militar, e pouco de-

pois tudo volta ao normal.

Solidariedade

A marca da violência cotidiana na Ceilândia, pode-se ver também na Feira do Atacado. Às 16h00, um garoto dispara por entre as caixas de frutas. Um menino maior persegue-o de perto. Com pés ágeis e muito jogo de cintura, o moleque menor consegue escapar. Depois, por trás de uma banca — uma lágrima solitária escorrendo pelo rosto — ele espia o agressor. Baixa os olhos observa sua sacolinha de plástico. Ali está a preciosidade que o mais forte queria lhe tirar. São oito bananas, que ele logo dividirá com um amigo, revelando assim, ainda na infância, outra marca da cidade: aquela solidariedade, capacidade de dividir a mingua, que só os mais pobres têm.

“Não põe o meu nome no jornal, senão o meu pai me mata”, pede o menino. O pai é eletricitista. Provavelmente mais um entre tantos desempregados que sobrevivem de pequenos serviços. O grande número deste tipo de trabalhador é atestado pela infinidade de plaquetas, onde letras irregulares e palavras mal grafadas anunciam: “bombeiro hidráulico”, “conserta-se fogões” “vende-se din-din”, “ovos e galinhas” (M.C)



Igrejas de diversas religiões convivem, em paz, com os bares